RESPOSTA AO SNR. DR.

ORLANDO DE OLIVEIRA

As palavras que vão ler-se a seguir representam a resposta que julgamos oportuno divulgar, ao primeiro artigo dos dois intitulados «Segundo Grau», ou seja o 3.º da série em que fomos visados pelo Snr. Dr. Orlando de Oliveira, tendo sido redigidas antes de conhecermos, por não estar ainda publicado, os termos do último artigo deste nosso opositor. Em artigo a publicar noutro número deste jornal, eventualmente o próximo se para tal continuarmos a merecer a desejada e esperada aceitação, daremos a conhecer as considerações que este seu último artigo nos sugere.

Seguem as nossas palavras:

Entendeu o Ex.mo Senhor Dr. Orlando de Oliveira responder às objecções que formulámos relativamente a uma frase infeliz com que visara a classe dos Agentes Técnicos de Engenharia no artigo «O Grau», vindo a público no «Litoral» de 4 de Dezembro do ano findo.

Regosijámo-nos com o facto de, neste último artigo, mantendo embora a posição inicial, ter retirado das suas palavras a agressividade contida na expressão com que nos atingira anteriormente. Regosijámo-nos igualmente com a declaração que faz de não ter tido intenção de ofender, molestar ou beliscar a nenhum dos signatários da «réplica» que lhe foi dirigida (e certamente, diremos nós, a nenhum elemento da classe visada), mormente mantendo relações de amizade e cortesia com uns tantos deles, alguns dos quais foram até seus alunos.

Regosijámo-nos, repetimos, com esta declaração, lamentando apenas que não tivesse sopesado em devido tempo o sentido das palavras usadas na expressão produzida para, ao menos, evitar situações melindrosas e posições menos justas.

Optou o Snr. Dr. Orlando de Oliveira por responder ao que chamou a nossa réplica em termos que chegam ao tom amigável (embora um tanto jocoso, observe-se de passagem) — o que permite, sem prejuízo da clareza das expressões necessárias, um melhor e desejável entendimento.

Aqui, porém, começam os nossos reparos: neste seu novo artigo o nosso opositor assume uma posição um tanto professoral, ou doutoral, deformação por certo resultante das funções que desempenha mas a que, por certo também, não somos fàcilmente permeáveis; e espraia-se numa simpatia de feição paternalista que dispensamos, até pela idade já atingida pela maioria dos signatários, particularmente os que, não tendo sido seus alunos, não sentem para consigo outras obrigações que não sejam as que devem, e prestam, a um cidadão prestimoso, a um professor respeitável, a uma pessoa que, pelas funções que desempenha de reitor dum liceu nacional, ocupa, no meio, lugar de considerável relevo.

Verifica-se pela leitura atenta da resposta a nós dedicada que o Snr. Dr. Orlando de Oliveira não faz qualquer contestação válida

Continua na página três

A NOVA PONTE DA BARRA

Prevê-se que, por Abril de 1974, estará aberta ao tráfego a nova ponte da Barra: a obra foi agora adjudicada pelo preço de 50 320 542$80.

E assim se acabará, em definitivo, com o anacronismo, que se foi protelando ao longo dos anos, duma ligação que, além do mais, atrasa e dificulta extraordinàriamente o trânsito naquela zona, hoje de movimento intenso.

A nova ponte situar-se-á 1 500 metros a montante da ponte actual; terá 640 metros de comprimento, 16 de largura útil, deixando livre para a navegação a altura de 14,50 metros.

AVEIRO, 5 DE FEVEREIRO DE 1972 * ANO XVIII * N.º 896

Litoral

SEMANÁRIO

Director e Editor — David Cristo ★ Administrador — Alfredo da Costa Santos
Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ★ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telef. 23886 — AVEIRO

. . . dá-se pouco e exige-se tudo !

VOLUNTARIADO

No último sábado, abriu com chave-de-ouro o magnífico programa das comemorações do 90.º aniversário da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro: o tema «Virtudes e Malefícios do Voluntariado» — de que, a seguir, reproduzimos expressivas passagens — foi apresentado e desenvolvido, lùcidamente e corajosamente, pelo distinto jornalista, homem do desporto e dirigente dos Bombeiros Voluntários de Leça do Balio ALVARO BRAGA

/.../ há um certo imobilismo, uma certa tendência para entregar de trespasse ao Voluntariado, a troco de umas ajudas, toda a responsabilidade que lhe cabe em quanto se verificar no seu concelho. Dá-se-lhe pouco e pede-se-lhe tudo. E não se lhe permite fazer ouvir a sua voz quando do estudo dos problemas — que são tantos e tão variados, tantos e tão complexos, tantos e tão dispersos, tantos e tão prementes, que nem admira que assim seja, já que oito a nove décimos do território metropolitano está confiado e entregue à responsabilidade do Voluntariado, que sobre eles não tem voz activa. Às vezes, nem passiva.

Ao Voluntariado nem sequer se lhe permite escolher os seus representantes no Conselho Nacional do Serviço de Incêndios. E o mesmo se verifica com o novel Conselho Nacional do Serviço de Ambulâncias, outra responsabilidade e outra preocupação quase que exclusivamente para as mesmas pessoas que já tinham muitíssimo com que se preocupar.

O problema que tenho posto a mim próprio vezes sem conta /.../, o problema em que o País tem de pensar sèriamente, pode resumir-se deste jeito: se os bombeiros que velam pelo País na sua função específica, são, em oito ou nove décimos do território metropolitano, Bombeiros Voluntários, terá o País porventura tido com eles o mínimo de preocupações que lhes permitam exercer a sua patriótica e humana função com o mínimo de garantias que ao País interessava que fossem as máximas?

Vão também combater o terrorismo os bombeiros que por cá podiam combater o fogo, que é uma outra espécie de terrorismo também. E eles não são tantos que por lá fizessem falta, enquanto por cá a sua falta é bem notória.

Exige-se presença e eficiência, sem se poder assegurar apoio de ordem técnica, que bem útil seria e bem indispensável me parece ser.

Em resumo: dá-se pouco e exige-se tudo. Exige-o a voz pública, exige-o o sentimento do dever, exige-o a vítima do fogo ou do acidente, exige-o a própria responsabilidade que contraímos todos, bombeiros com farda ou sem farda, perante os Conselhos Nacionais, perante o Ministério em que se integram, perante toda a Nação.

Na época em que vivemos, dominada sobretudo pelo espírito de contestação, ele ainda não se apossou do Voluntariado. Nem eu creio que isso venha a verificar-se. Não creio que o Voluntariado deixe arder, para com isso chamar a atenção sobre as suas necessidades. Esse é malefício que lhe não reconheço ou outorgo. Em obra de amor ao próximo, como é potencialmente a do Voluntariado, não teve nunca lugar a contestação. E muito menos contestação por processos que seriam, afinal, a sua total e absoluta negação.

O Voluntariado vai continuar a ouvir palavras de circunstância, palavras amáveis, palavras de reconhecimento pelo seu abnegado esforço, palavras de simpatia e apreço, palavras de elogio, até, sentidas e sinceras — não haja dúvida —, palavras bonitas, que são lenitivo para muitas canseiras, para muitos sacrifícios, para algumas desilusões, para uma ou outra decepção, porque o Voluntariado, quando chamado a agir, sabe de sobra que fez o que estava ao seu alcance fazer. Mas quando pensa que talvez pudesse ter feito melhor ainda, há-de forçosamente pensar que, para tanto, seria indispensável outro estímulo, outro apoio, outro fomento de valorização.

Relembro o Congresso-70, nesta cidade reunido. Deito-lhe uma vista de olhos, faço-lhe apressado balanço. Uma ou outra necessidade foi ponderada e solucionada. Em questão de pormenores, alguma coisa se obteve. Na estrutura ainda não se mexeu.

Releio algumas palavras escritas antes desse Congresso pelo Ex.mo Governador Civil de Aveiro: «...os Bombeiros do Distrito de Aveiro querem refundar e consolidar aqui, para a perenidade, o alicerce, hoje vacilante, dessa humanitária determinação de servir; mas, por isso mesmo, querem que o seu abnegado serviço alcance a pública e a oficial dignificação a que tem irrecusável jus» /.../.

ACONTECEU . . .

DR. ARAÚJO E SÁ

PRIORIDADES

ENTRE tanta coisa nova, diferente e inesperada com que Luanda me surpreendeu e presenteou, confesso que o complicado trânsito citadino ocupa lugar de destaque.

Na verdade, não é impunemente que se vê um carro esmurrado de cem em cem metros; conduzir-se a uma velocidade louca e desnorteada que ninguém sustém; entrar-se numa curva desafiando princípios basilares de senso e de prudência.

O trânsito em Luanda é, sem dúvida, problema! Se resolvê-lo é assunto que me não diz respeito, reprová-lo é direito que me assiste e do qual não estou disposto a abdicar.

Tudo isto, naturalmente, me preocupa, excita e amedronta até, não só porque sempre antipatizei com carros esmurrados, mas também, e sobretudo, porque me habituei a trilhar a vida sem excessos nefastos de velocidade e o senso e a prudência nunca de mim, felizmente, se apar-

Continua na página três

FALANDO DE BOMBEIROS

J. ACÚRCIO

ENTRO de escassos meses, a prazenteira, amável, buliçosa Viseu — como Aquilino a entendia — acolherá os Bombeiros deste país para realização do seu XX Congresso. Hão-de lá perpassar e debater-se, sob os mais variados tons e ópticas, questões e aspectos, os mais díspares, do vasto leque de actividades dos chamados Soldados da Paz. Ombro a ombro, desfilarão o essencial, o supérfluo e o anedótico; não faltará quem aplauda nem quem critique, conteste e reivindique. Misturar-se-ão os problemas do quadrante técnico com os do administrativo; muito egoísmo surgirá mascarado de abnegação. Acontecerá até que reivindicações tocadas da mais sadia generosidade esbarrem, e sucumbam, de encontro a bem escoradas barreiras de interesses pouco confessáveis. Intrometer-se-á a política, é inevitável. Contra impulsos e impaciências, erguer-se-á a santa ou a calculada

Continua na página cinco

PORTO DE AVEIRO

Na sessão plenária da Junta Autónoma do Porto de Aveiro — que se realizou na tarde de 27 de Janeiro último, e a que compareceram novos elementos, que o Presidente, Eduardo Cerqueira, expressivamente saudou — foram ventilados, no período anterior à ordem do dia, importantes assuntos, entre eles: a minimização, em certos sectores, da valia do porto, que os factos demonstram ser plenamente injustificada; ampliações previstas no sector da pesca costeira destinado aos respectivos arrastões; conveniência de se ter em conta, num futuro próximo, a utilização do porto por navios de tonelagem consideràvelmente superior à dos que presentemente o frequentam; definição das ligações

Continua na página cinco

Um septuagenário serve ainda o Voluntariado — e desde há 52 anos, somando a 12, em que foi elemento do corpo activo dos «Bombeiros Novos», 40 anos nos quadros dos «Bombeiros Velhos», aqui com 28 no exercício das funções de 2.º Comandante: é de Aveiro, chama-se Gonçalo Pinto e recebeu das mãos do Governador Civil, no último domingo, a medalha de ouro da prestigiada corporação onde continua a servir. Pelo mesmo motivo, com o mesmo galardão e na mesma altura, foram também distinguidos o Chefe António Monteiro e o Bombeiro Albertino Francisco Pereira

POSTAL ILUSTRADO

O dia de hoje não ganhou estátuas — nem estátua alguma comemora o dia-hoje.

Por isso não voto nos bronzes das *carpideiras* que choram naufrágios, embiocadas no desamparo da dor e do não-ter.

Antes o céu de Aveiro com a odalisca a dessedentar-se nas fontes luminosas, num grito de amor desnudo.

Antes isso — que aquilo.

MIGUEL CARRUÇO

Helena Rubinstein

PARIS·NEW YORK·LONDRES

Tem a honra de informar que a sua diplomada

Mme. GUILHERMINA DE SOUSA

estará à disposição da Ex.ma Clientela na

PERFUMARIA CRAVO

Largo da Apresentação, 1

AVEIRO

de 7 a 12 de Fevereiro, para, gratuitamente, aconselhar sobre

BELEZA E MAQUILHAGEM

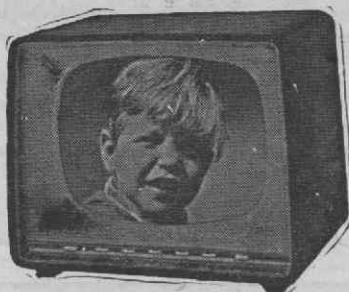
Chefe de Conservação de Electricidade
Chefe de Conservação de Máquinas (força motriz)

Deseja nova e importante Unidade Industrial que se instala em Ovar.

exige-se:
- — habilitações adequadas
- — experiência do ramo e capacidade de adaptação a novas técnicas e processos.
- — e epírito de iniciativa e gosto pelo trabalho de grupo

oferece-se:
- — ordenado compatível e actualizável.
- — largas possibilidades de valorização.
- — boas regalias sociais.

Resposta urgente a P. S.
Rua Dr. Francisco Zagalo, 15, 2.º-Esq. — OVAR
(guarda-se absoluto sigilo)

Rádios — Televisão
Reparações — Acessórios

A. Nunes Abreu

Reparações garantidas e aos melhores preço
Av. do Dr. L. Peixinho, 232-B-Telef. 22359
AVEIRO

DR. LUCIANO DOS REIS

PROFESSOR AGREGADO DA FACULDADE DE MEDICINA
CLÍNICA CIRÚRGICA

Consultas às 3.as e 5.as, a partir das 15 horas, por marcação
Cons.: Av. Sá da Bandeira, 112-1.º - Telef. 27340 - COIMBRA
Resid.: Telef. 33136

MAYA SECO

Médico Especialista

PARTOS—DOENÇAS DAS SENHORAS

Rua do Dr. Alberto Souto, 11, r/c — AVEIRO

Fábricas Aleluia

Azulejos
Louças
DECORATIVAS
SANITÁRIAS
DOMÉSTICAS

Cais da Fonte Nova
AVEIRO

J. Rodrigues Póvoa

Ex-Assistente da Faculdade de Medicina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E VASOS
RAIOS X
ELECTROCARDIOGRAFIA
METABOLISMO BASAL

No consultório — Av. Dr. Lourenço Peixinho, 49 1.º Dit.º — Telefone 23 875 —
a partir das 13 horas com hora marcada
Residência — Rua de Ílhavo, 106-3.º Telefone 22 750

EM ÍLHAVO

No Hospital da Misericórdia — às quartas-feiras, às 14 horas.

Em Estarreja — no Hospital da Misericórdia aos sábados às 14 horas.

SEISDEDOS MACHADO

ADVOGADO
Travessa do Governo Civil, 4-1.º-Esq.º
AVEIRO

CASA

— vende-se, na rua de Castro Matoso, n.º 14, em Aveiro.

Recebem propostas os herdeiros:

João Pereira dos Santos— Rua do Casal, n.º 35-Ílhavo; e Gonçalo dos Santos Pereira-Junta Nacional do Vinho, Mealhada.

OFERECE-SE

— aposentado da P. S. P., com carta de condução — para qualquer serviço.
Informa-se nesta Redacção.

VENDE-SE

- balança AP (pesa até 20 Kg.), em estado de nova.
Informa esta Redacção.

ALUGA-SE

- casa, que serve para estabelecimento ou armazém.
Informa esta Redacção.

Rui Pinho e Melo

Médico Especialista

Raios X

Consultório:
Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 110, 1.º Es.
Telef. 23 609

AVEIRO

PRÉDIO — VENDE-SE

— no centro da cidade; bom rendimento e terreno para construção. Informações: Largo da Apresentação, 3-A- tel. 27138 — Aveiro.

J. Cândido Vaz

Médico Especialista
DOENÇAS DE SENHORAS
Consultas às 3.as e 5.as
a partir das 15 horas
COM HORA MARCADA
Av. Dr. L. Peixinho, 83-1.º E.º-Sala 3
AVEIRO
Telef. 24788
RESIDÊNCIA: Telef. 22856

HOSPITAL DISTRITAL DE AVEIRO
SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE AVEIRO

Admissão de Pessoal

Por espaço de 15 dias, está aberto concurso para admissão de uma Escriturária Dactilógrafa de 2.ª classe, cujas condições estão patentes na Secretaria deste Hospital.

Aveiro, 5 de Fevereiro de 1972

A Mesa Administrativa

Aluga-se

— estabelecimento com amplas divisões e com montra, na Cruz Alta, São Bernardo.

Tratar com A. M. Figueiredo, Av. Salazar, 54 r/c Telefone 22989 — Aveiro.

Encartado

OFERECE-SE

— para qualquer tipo de serviço a realizar da parte da manhã (cobrança, inclusivé.

Tratar pelo telefone 25634.

Moradia — Vende-se

—em Esgueira; de 1.º andar; com pomar e vinha.

Tratar com o proprietário, na Rua de Gil Vicente, 77, Gafanha Nazaré (tel. 22716).

Resposta ao Snr. Dr. Orlando de Oliveira

Continuação da primeira página

da argumentação que apresentámos. Salvo num pormenor, que adiante referiremos, as suas objecções são meramente marginais, de diversão, diríamos que a entreter ou a justificar a sua posição, nada revelando de novo quanto ao fundo do problema. O próprio episódio anedótico das sanguessugas não resulta, no caso, por falta de analogia: — não ficou demonstrado, com essa citação, estar errado o sentido corrente dos vocábulos que buscáramos nos dicionários, e só visavam a demonstrar, sem recurso às definições científicas, julgadas desnecessárias, que o título profissional que nos compete, apesar de nos não ser reconhecido presentemente por lei, o único que, com ou sem atributos complementares, nos situa devidamente, vem agarrado à habilitação académica que possuímos e à actividade que exercemos — agarrado como estão agarradas umas às outras as cerejas que se tiram dum saco.

— Que os dicionários não têm poder para alterar as normas de uma estrutura escolar é caso fora de discussão — nem tal se disse nem isso nos poderia passar pela ideia. Não compreendemos como terá passado pela do Snr. Dr. Orlando de Oliveira, ainda que para inculpar terceiros. Mas que os dicionários dão o significado corrente das palavras é também caso fora de discussão; e esse significado, e apenas esse, foi o que procurámos — e obtivemos.

Para o Snr. Dr. Orlando de Oliveira, porém, — e aí reside o único ponto de contestação que nos faz — o caso não é assim dado o facto de «engenheiros serem apenas os licenciados por uma Escola Superior da especialidade» — o que, escreve, nos teríamos esquecido de referir.

Se o Snr. Dr. Orlando de Oliveira se der ao cuidado de reler o nosso artigo anterior verá que essa falta não a cometemos nós, porquanto tal referência está lá claramente expressa. Por outro lado nós referimos a existência, a coberto de diplomas concedidos por escolas médias nacionais, de engenheiros industriais e de engenheiros auxiliares, destes um até, por sinal, pertence aos 14 signatários do nosso primeiro artigo. Fica-se sem saber, portanto, qual é a classificação destes técnicos, no bizarro quadro de profissões do Snr. Dr. Orlando de Oliveira.

Pelo que diz respeito à primeira parte da citação, a que considera engenheiros apenas os licenciados por uma Escola Superior, hesitamos sobre se devemos prestar homenagem à inteligência e cultura (que sem dúvida lhe reconhecemos), se ao zelo legalista (que também lhe reconhecemos e até louvamos quando convenientemente aplicado) do Snr. Dr. Orlando de Oliveira : — as leis são apenas leis (parafraseando uma expressão sua diríamos que não pode exigir-se-lhes mais do que aquilo para que foram feitas). São válidas enquanto servem os fins da Sociedade, para a qual foram criadas. Quando necessário, substituem-se de forma a ajustá-las às novas condições ou necessidades, ou aos novos objectivos a servir.

Exemplos cremos desnecessário apresentá-los, tão abundantes e frequentes eles são.

O pequeno incidente acabaria aqui, certamente, pelo nosso lado, se o nosso distinto antagonista não tivesse repisado pormenores que julgáramos arrumados e levantado outros aspectos.

Assim, na opinião do Snr. Dr. Orlando de Oliveira nós, «doentes», «acusámos o toque», aceitámos o «barrete» dos «títulos».

Antes de prosseguirmos teremos de afirmar que nós *não acusamos o «toque»*, não aceitamos o «barrete» dos «títulos».

Representam estas expressões uma apreciação simplista do problema em discussão, não correspondendo ao assunto em debate. Por motivos gratuitos e, quer parecer-nos, desnecessários ao desenvolvimento da argumentação em que se inseriam, fomos directamente visados em termos que colidiam com a nossa dignidade social e profissional. Foi-nos lançada uma luva ao caminho, com endereço bem preciso, que levantamos. Não aceitámos, por isso, ou acusamos, coisa nenhuma, por-quanto nos limitamos a responder frontalmente, rejeitando a insinuação e esclarecendo sobre os motivos da nossa atitude e das razões que nos assistem e justificam a nossa posição.

Pelo sentido e teor do nosso artigo antecedente, qualquer pessoa sem ideias preconcebidas terá concluído, sem dificuldade, que para a classe, de que somos modestos elementos, o problema não é esse. Pela nossa parte, julgávamos que o assunto, embora não abordado por nós expressamente, ficara arrumado nesse aspecto.

Visto que assim não aconteceu teremos de esclarecer a nossa situação, apesar de desinteressados do debate nesse particular o qual, podendo ser, embora, para cada um de nós, motivo de opinião ou opção pessoal, não é sentido, todavia, como problema profissional, de classe.

A posição que se nos apresenta, no caso, é simples e clara: — o nosso problema é o da falta dum título profissional justo, preciso, sem ambiguidades (o que o actual, reconhece-se hoje em milhentos meios responsáveis não assegura — nem pode assegurar, acrescentamos nós), título que devidamente nos situe segundo as habilitações oficiais que possuímos e a actividade que exercemos, e nos proporcione reputação adequada no mercado do trabalho. Daí que, como declarámos no artigo anterior e o Snr. Dr. Orlando de Oliveira terá tido oportunidade de ler *«...pretendemos um título profissional inequívoco e que nos equipare com os das escolas estrangeiras congéneres, não para uso extra-profissional ou brilho social mas sim como ferramenta do próprio ofício»*.

A nossa posição é, portanto, como era já, esta: — a de reivindicação dum título profissional que se nos torna necessário à reputação no plano do trabalho, ao exercício da função para que estamos habilitados.

E não é, acaso, este, o papel dos títulos profissionais ? — Apegados como se encontram aos diplomas que os conferem, valem exclusivamente como certificados de habilitação, como «guia», fundamental, aliás, para o exercício da profissão a que respeitam. Quem não possuir o diploma e, consequentemente, o título, não pode exercer a profissão — está, portanto, na situação dos não habilitados, ainda que possua todas as cadeiras que constituem o curso.

Por isso, e só por isso, prestamos a consideração que declarámos, aos títulos profissionais — em qualquer caso apenas a estes.

Em Portugal, porém, por hábitos que se têm aparentemente agravado, os títulos profissionais, desviados da função que lhes é própria, são usados como adorno social, como é, em grande parte, o que acontece, ou conquistados apenas com esse objectivo. Daí o uso, por vezes imoderado, que deles se faz, com uma obsessão que nalguns casos chega a ser doentia.

Se bem entendemos, e cremos estar a entender bem, este, o dos títulos-adorno social, é o ângulo exclusivo de visão do Snr. Dr. Orlando de Oliveira, o que informa os seus artigos e o leva a mostrar tanto zelo em impedir que outros, não admitidos na sua escala de valores, porventura habilitados com títulos iguais, semelhantes ou apenas próximos, lhe invadam o terreiro, avaramente defendido. (Salvo o devido respeito e límpida consideração pelos que, possuidores de títulos de qualquer grau, o utilizam simplesmente, naturalmente, em conformidade com as normas sociais correntes).

Este aspecto, como se conclui imediatamente, nada tem a ver com o nosso caso — atrás devidamente justificado. A pretensão de nos arrastar, voluntariamente ou não, para situações que não interessam à nossa consciência profissional ou, a coberto delas, querer fixar-nos os caminhos de acordo com a sua tabela ou preconceitos, não resulta por as nossas pretensões serem bem definidas, reflectidas, de validade incontroversa — mesmo quando não reconhecidas por A ou por B. Quando tomamos posições, como a assumida no caso presente, defendemos valores para nós sagrados, como sejam — o direito ao ofício, à boa reputação profissional, à remuneração justa, à não discriminação.

Mas o Snr. Dr. Orlando de Oliveira tem outros motivos de admoestação: — parece ver contradição ou ingratidão digna de reparo no facto de, sabendo nós, de antemão, qual o título profissional que nos seria atribuído no caso de acabarmos o curso, como veio a acontecer, mostrarmos, conforme se verifica, desejo de ver o mesmo substituído por outro — a seu ver de melhor nível.

A explicação é simples e nem sequer compreendemos por que se nos põe o problema: — afora o caso do título académico conferido pelos Institutos Industriais ter estado sujeito, desde quase sempre, como talvez nenhum outro, a inúmeras variações de acordo com os «ventos» e razões nem sempre clarividentes e justas — o que originava entrar-se muitas vezes na previsão dum e sair-se com outro — a verdade é que, quando nos propusemos frequentar os estabelecimentos de ensino pelos quais viemos a formar-nos, não o fizemos com o fito de conquistar um título mas sim de desenvolver os nossos conhecimentos, de nos habilitarmos a um modo de vida, de conquistarmos uma profissão.

Precisamente o exercício dessa profissão tem-nos revelado, por um *conhecimento de experiência feito*, as incongruências, os equívocos resultantes do presente título — e as situações, por vezes vexatórias, em que nos encontramos a cada passo.

Não vemos, assim, onde estará a contradição de que somos acusados, nem qual será a ingratidão que cometemos.

Assim como nos acusa de pretendermos saltar a barreira digna da modéstia (sic), para emparceirarmos com elites de companhia para nós invejável, já vimos, quanto à primeira parte, qual é a nossa posição e as razões que a justificam. Relativamente à segunda — é fácil saber, também, onde está o elitismo — o que deixamos à apreciação do leitor.

Dentro do mesmo raciocínio lembra-nos o nosso opositor a obrigação de bem conhecermos a gaveta que nos compete na Sociedade, de forma a não interferirmos com as gavetas dos outros.

Como estas palavras são de sentido metafórico corremos o risco de, na resposta, não atingirmos exactamente o ponto visado: o que desde já apresentamos as devidas desculpas, na hipótese de tal acontecer.

Cremos, porém, que não vamos errar e por isso respondemos: — nós sabemos qual é a nossa gaveta, e só essa pretendemos. Se houver dúvidas releia-se o trecho reproduzido no nosso artigo anterior, referente à existência, noutros países, de engenheiros a diferentes níveis. A aplicar-se entre nós igual critério ocuparíamos, naturalmente, a gaveta adequada do armário, no sector correspondente, decerto, à engenharia profissional. Gaveta adequada, sem dúvida, mas também a da classificação inequívoca a que nos sentimos com direito — e que durante algum tempo, como se sabe, foi atributo da classe.

A gaveta, portanto, que estamos cientes de pertencer-nos, é essa — nem abaixo nem acima. Para sossego do Snr. Dr. Orlando de Oliveira diremos que não estamos de forma alguma interessados na gaveta de qualquer outra classe, ou grupo, ou categoria profissional, nomeadamente a dos engenheiros universitários, se porventura era isto que estava na ideia do nosso opositor.

Aliás, não havia da nossa parte qualquer motivo para tal pretensão, acontecendo, até, por coincidência, não termos problemas de espécie nenhuma com esta categoria de técnicos, aos quais prestamos, nas nossas relações pessoais e de trabalho, frequentes como bem se compreende, a melhor cortesia, a mais leal colaboração técnica, a aberta consideração pessoal, a amizade franca, quando é o caso. Este tipo de relações, devemos dizê-lo, tem natural reciprocidade.

Afirma o Snr. Dr. Orlando de Oliveira no seu artigo que não é engenheiro (o que, naturalmente, sabíamos). Tão-pouco é agente técnico de engenharia — acrescentamos nós — o que, a verificar-se, lhe daria melhor ou mesmo novo conhecimento de aspectos de cuja existência não suspeita sequer. Não é engenheiro nem mesmo, esclarece, tem procuração para defender os que o são — o que, obviamente, aceitamos também. Custa-nos a entender, isso sim, o sentido de tal afirmação e esclarecimento.

Pois não é esta pequena controvérsia apenas entre o Snr. Dr. Orlando de Oliveira (já que foi este Ex.mo Senhor que a originou) e os Agentes Técnicos de Engenharia, no caso de Aveiro ?

Como dissemos no começo, daremos resposta, eventualmente no próximo número, ao artigo do Snr. Dr. Orlando de Oliveira, publicado no «Litoral» de 22 de Janeiro findo.

Infelizmente este artigo não mantém o tom que chegámos a julgar amigável, do acima respondido.

Aveiro, 31 de Janeiro de 1972

Um grupo de Agentes Técnicos de Engenharia a trabalhar em Aveiro

aa) — Manuel Fernandes Alves Moreira
— António Marinheiro
— Luís de Azevedo Félix
— Ferdinand Francis Ferreira
— Belmiro Pereira do Couto
— António Martins Gamelas
— João de Deus Faria da Rocha
— A. Castro Moreira
— Artur Martins Cabrita
— Manuel Gaspar
— José Mendes de Sousa Ramos
— José Cura Gaspar dos Santos
— Luís Gonzaga Teiga Loureiro
— Júlio Maia

Aconteceu...

Continuação da primeira página

taram no contornar das curvas do meu viver.

Para os quefazeres do dia-a-dia, outro remédio não tive aqui do que comprar um carro velho, gasto e cansado como eu. Um carro que, afinal, anda devagar, sem pressas, respeitando os outros, entrando nas curvas com os pneus bem assentes no chão, indiferentes a que se riam da sua pachorrice. Talvez por isso, respeito as prioridades, não impeço a marcha àqueles que têm o direito de chegar primeiro, não crio mesmo problemas a tantos que deveriam chegar depois.

Que nem todos assim pensam — e muito menos assim procedem! — não restam dúvidas. O trânsito de Luanda é bem o retrato vivo e inconfundível da psicose de chegar primeiro..., mesmo que para tal se esmurre o que vai a nosso lado, o que partiu à frente, o que caminha no seu lugar, o que tem o direito de não ficar para trás.

Muito poderia contar que ilustrasse a irreverência automobilística desta Luanda. Todavia, apetece-me escolher o que ouvi a alguém que assistiu, horrorizado, ao episódio seguinte:

Dois carros chocam, amolgam-se, danificam-se, com manifesta culpa para um dos condutores. O costumado atirar para o outro das responsabilidades, o evocar caricato de falsas razões que nos transformam em vítimas, as inevitáveis desculpas mostrando inocência, o usual aquecer da discussão e dos ânimos, a palavra insultuosa, grosseira e inconveniente do costume.

Eis se não quando, um dos intervenientes alegou, em sua legítima defesa:

— O senhor não reparou que eu tinha prioridade, pois vinha pela direita ?

O outro — longe de se considerar culpado — respondeu, muito senhor do seu nariz:

— Aqui não há prioridade da direita, da esquerda, nem do centro. Prioridade tenho-a eu, que estou em Luanda há vinte anos...!

Perante tamanha e tão arrogante prova de auto-suficiência e de desprezo por quem evoca a justiça que lhe assiste, apeteceu-me meditar...

E transportei-me ao dia-a-dia, à prioridade por tantos evocada em atropelo a basilares princípios de justiça, a normas que deveriam reger o trânsito da vida, de modo a que todos pudessem dispor de um espaço livre e seguro para atingirem a meta que a ninguém pode ser negada.

Mas as prioridades ilícitas opõem-se aos legítimos direitos, à concretização de esforços dispendidos, aos rectos critérios de escolha, à selecção imparcial de valores.

Prioridades que se imaginam, que se fantasiam, que se inventam, que se legalizam até, num encobrir de escandalosas situações de favor, num camuflar de injustiças descaradas que servem de sustentáculo a tantos, num mentir desavergonhado que só convence o incauto, o menos atento ou o ingénuo.

Para os trabalhos do meu dia-a-dia, repito, comprei aqui um carro. Porque é velho, gasto e cansado como eu, nunca terá prioridade! Nem tal me importa...

Consola-me, todavia, a certeza de o saber entrar nas curvas com os pneus bem assentes no chão...

ARAÚJO E SÁ

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	CENTRAL
Domingo	MODERNA
2.ª-feira	ALA
3.ª-feira	AVEIRENSE
4.ª-feira	AVENIDA
5.ª-feira	SAÚDE
6.ª-feira	OUDINOT

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

PONTE DE PAU

A Câmara tomou conhecimento de que foi aprovado, superiormente, o estudo de urbanização da «Zona Central da Cidade — Ponte de Pau», o que permite, desde já, elaborar o projecto da obra de arte que no local irá ser erguida em substituição da existente.

VENDA DE UM TERRENO

Foi deliberado celebrar a escritura de venda de um lote de terreno localizado à margem da Rua do Dr. Alberto Souto, com a área de 2 250,90 m², arrematado, no uso de direito de preferência, pelos herdeiros legitimários do anterior proprietário, na sessão de 13 de Dezembro de 1971, pela importância de 1 395 558$00.

CARREIRAS DE AUTOCARROS

A Câmara tomou conhecimento, por comunicação feita pelo sr. Governador Civil, de que, por despacho do sr. Secretário de Estado das Comunicações e Transportes, foram autorizadas três carreiras de autocarros, a explorar pelos Serviços Municipalizados, servindo a Costa do Valado, a Quinta do Picado e Verdemilho, cujos pedidos de autorização haviam sido solicitados, superiormente, há largos anos. A Câmara, regosijando-se com a notícia, deliberou manifestar o seu reconhecimento àquele membro do Governo, logo que receba a comunicação oficial.

ORÇAMENTOS ORDINÁRIOS

Foram aprovados, definitivamente, os orçamentos ordinários da Câmara, da Comissão Municipal de Turismo e dos Serviços Municipalizados, cujas receitas e despesas se cifram em 46 038 000$00, 1 020 140$00 e 41 625 000$00.

ESTADIO DE MÁRIO DUARTE

A Câmara tomou conhecimento de que foi superiormente concedida uma comparticipação de 127 500$00, com o fim de custear as obras levadas a efeito no Estádio de Mário Duarte.

EDIFICIO ESCOLAR DE ESGUEIRA

A Câmara tomou conhecimento de que será concedida a comparticipação de 1 600 000$00, com destino à construção do «Edifício Escolar de Esgueira, de 8 salas, com cantina».

OBRAS DE SANEAMENTO

Foi deliberado contrair, para fazer face às despesas com as várias obras de saneamento, um empréstimo de 4 000 contos, a cargo dos Serviços Municipalizados, a quem foi, recentemente, entregue pela Câmara a sua exploração.

«FEIRA DE MARÇO»

A Câmara Municipal de Aveiro, ao mesmo tempo que iniciou os trabalhos de montagem dos abarracamentos e os arranjos do Rossio para a «Feira de Março» do ano corrente, que se iniciará a 25 daquele mês, abriu concurso para a afixação de cartazes de propaganda naquele mesmo local, durante a referida feira.

ENCONTROS SACERDOTAIS

Durante o mês de Fevereiro corrente, vai realizar-se um novo turno de encontros sacerdotais na Diocese aveirense, assim estabelecido: no dia 7, em Sever do Vouga; dia 8, em Vagos; 9, em Ílhavo; no dia 10, em Anadia e Oliveira do Bairro; em 11, em Águeda, Albergaria-a-Velha e Macinhata do Vouga; no dia 17, em Aveiro (no Centro Paroquial de S. Bernardo); e, no dia 21, em Estarreja e na Murtosa.

CURSO DE INICIAÇÃO AGRÍCOLA

Com a duração de 90 dias, inicia-se este mês, na Colónia Agrícola da Gafanha, um Curso de Iniciação Agrícola, promovido pela Junta de Colonização Interna.

O curso será frequentado por indivíduos de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 16 e os 35 anos.

CASA DO POVO DE CACIA

Através dos Serviços de Instalações Clínicas da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, foi aberto concurso, que terminará no próximo dia 17, para a arrematação da empreitada de construção do edifício-sede da Casa do Povo de Cacia, sendo a base de licitação do montante de 1 198 249$00.

CORTEJOS DE OFERENDAS

● A favor do Centro Paroquial de S. Bernardo, realizou-se mais um cortejo de oferendas, cujo produto ascendeu a cerca de oitenta contos — verba que diz bem do bairrismo e generosidade da população daquela freguesia suburbana, mas que não basta ainda para saldar a dívida contraída com a realização daquele importante melhoramento.

● Também na Gafanha do Carmo se realizou um cortejo de oferendas a favor das obras da nova igreja, que rendeu cerca de vinte e cinco contos.

NOVO ESTABELECIMENTO

Ao n.º 20 da Rua dos Marnotos, no bairro da beira-mar, abriu ao público um estabelecimento comercial de flores naturais e artificiais e arranjos decorativos denominado «Pequeno Jardim», de que é proprietária a sr.ª D. Maria Emília Gonçalves Moreira.

NOVA CARREIRA DE CAMIONETAS

Diversos lugares das Gafanhas beneficiarão, em breve, de mais uma carreira regular de camionetas, com termo em Ílhavo: Gafanha do Carmo (local de saída), Gafanha da Encarnação, Gafanha da Nazaré, Igreja, Cruzeiro, Chave, Cale da Vila e Áquem (cruzamento).

Trata-se de mais uma iniciativa da Auto-Viação Aveirense, de que é dinâmico gerente o nosso bom amigo Gilberto Nunes.

MAIS UM DESASTRE NA VARIANTE

...de que foi vítima, desta vez, o ciclista José Maria Leite de Carvalho, de 47 anos, carpinteiro, morador na Presa, o qual foi colhido pelo automóvel conduzido por José Carvalho Coimbra, de Estarreja.

Deixou viúva e cinco filhos, o mais novo com 6 anos.

NOVA GERÊNCIA DO CETA

Foi recentemente eleita a nova gerência do Círculo de Teatro de Aveiro, que ficou assim constituída: *Assembleia Geral* — Presidente, Pinto da Costa; Secretário, João Mota. *Direcção* — Presidente, Dr. António Neto Brandão; Secretário, Fernando Figueira; Tesoureiro, Fernando Guimarães; Vogais, Idalécio Cação e Luís Filipe. *Conselho Fiscal* — Presidente, José Pinheiro; Secretário, Pedro Bastos; Relator, Eufrásio Filipe.

Câmara Municipal de Aveiro

AVISO

Dr. Artur Alves Moreira, Presidente da Câmara Municipal de Aveiro:

Faz público que esta Câmara Municipal, em sua reunião ordinária realizada em 1 do corrente mês, deliberou abrir concurso para a concessão do exclusivo de «AFIXAÇÃO DE PUBLICIDADE NA ÁREA DA CIDADE DE AVEIRO», em princípio, pelo período que vai até 31 de Dezembro do corrente ano, admitindo-se, no entanto, que, nas propostas, os interessados apresentem modalidades de prazos mais longos, até cinco anos, atendendo às conveniências de contratos, ou condições especiais da publicidade, segundo as condições patentes na Secretaria da Câmara Municipal de Aveiro.

As propostas, em cartas fechadas, deverão ser entregues na Secretaria desta Câmara Municipal, até às 12 horas do dia 29 do mês em curso.

Os concorrentes deverão fazer o depósito prévio, na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, da importância de 5 000$00, que reverterá a favor da Câmara se não apresentarem proposta ou se recusarem à licitação verbal, nos termos das respectivas condições.

Paços do Concelho de Aveiro, 2 de Fevereiro de 1972

O Presidente da Câmara,

Artur Alves Moreira

FUNCIONALISMO JUDICIAL

Deixou de exercer as funções de Escrivão da 1.ª Secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro, onde serviu, durante cerca de seis anos, o sr. António Amaro Martins dos Santos que, a seu pedido, foi agora colocado no 1.º Juízo do Tribunal Cível do Porto e que, nesta cidade, granjeou gerais simpatias, dadas as suas qualidades pessoais e competência profissional.

ARQVIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Com o n.º 147, e referente aos meses de Julho, Agosto e Setembro do ano transacto, acaba de ser distribuído o «Arquivo do Distrito de Aveiro», que continua a creditar-se pela sua incontestável valia e, nesta sua recente edição, desenvolve os seguintes temas: «João Jacinto de Magalhães, natural de Aveiro» (por Cruz Malpique); «José Silva (1884-1949) — Um notável, mas quase desconhecido autodidacta aveirense» (por José Tavares); e, em continuação, os valiosíssimos estudos «Topónimos do distrito de Aveiro», de Pedro Cunha Serra, e «O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício», de Jorge Hugo Pires de Lima.

PELA P. S. P.

Em virtude de ter sido superiormente ampliada a área urbana da vila de Espinho, o Comando Distrital da P. S. P. informa toda a população com residência na referida área, no sentido de que deverá dirigir-se, de futuro, à Secção da P. S. P. de Espinho, à Rua 23 (Telefone 920038), sempre que necessário, e não à G. N. R., como era de uso.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

O automóvel conduzido pelo sr. Lucílio Garcia, reputado industrial nesta cidade, despistou-se e foi cair num campo, cerca de três metros abaixo do nível da estrada.

O acidente deu-se próximo da passagem de nível do Vale do Vouga, no Caião, no regresso de uma viagem a Águeda.

O condutor foi conduzido ao Hospital, onde recebeu tratamento de ferimentos na cabeça; um rapaz, a quem concedera transporte, nada sofreu.

O 90.º Aniversário dos «BOMBEIROS VELHOS»

Cumpriu-se integralmente — e brilhantemente — o programa com que se comemoraram os noventa anos de operosa vivência da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro, os sempre e cada vez mais remoçados «Bombeiros Velhos» da nossa cidade.

A conferência de sábado, à noite, do jornalista e dirigente de Bombeiros Álvaro Braga — já o evidenciámos na primeira página do presente número deste jornal — foi notável trabalho no corajoso desenvolvimento de um tema oportuníssimo; e, assim, o conferencista justificaria plenamente a justiça das palavras do apresentante, um homem notável do Voluntariado português a comandar os Bombeiros Privativos da Celulose, sendo certo, aliás, que esse homem, o Dr. Lúcio Lemos, é tão consabidamente objectivo que, ao pré-anunciar merecimentos, bem sabia quem iria ser escutado — e interessadamente o foi — pelo vasto auditório; isto mesmo o acentuou, no fim da sessão, o prestante Presidente da Assembleia Geral dos «Bombeiros Velhos», Comendador Egas Salgueiro.

Na assistência, as figuras mais representativas da cidade, entre elas o venerando Prelado da Diocese.

No domingo, depois do hasteamento da bandeira no quartel-sede e da homenagem junto do monumento «Ao Bombeiro», o Rev.º Capelão da aniversariante, Padre Manuel Caetano Fidalgo, acolitado pelo capelão da igreja da Misericórdia, Padre António Augusto de Oliveira, celebrou, naquele templo, missa de sufrágio e proferiu expressiva homilia; numerosa assistência, designadamente do Provedor e Mesários da Santa Casa; no coro, o Coral Vera Cruz cantou, com maestria e unção, conferindo ao piedoso acto esplendor e grandeza litúrgica. Foi depois a romagem de saudade aos cemitérios citadinos para deposição de flores — tendo as Bandas Amizade e do Internato conferido a maior dignidade ao cortejo e às cerimónias junto das campas de saudosas personalidades que foram notàvelmente devotadas aos Bombeiros.

À sessão solene da tarde presidiu o Chefe do Distrito, Dr. Vale Guimarães, que a iniciou com palavras de anúncio e brilhantemente a encerrou com palavras de justa exaltação. O dinâmico Comandante dos «Bombeiros Velhos», Eng.º Joaquim Arnaldo da Silva Mendonça, confirmou o que dissera no acto de posse das suas responsabilizantes funções e anunciou quem iria ser galardoado ali, justificando as distinções conferidas, com particular relevância para o 2.º Comandante Gonçalo Pinto e para os dois que, como este, ultrapassaram os 40 anos de serviço activo — do que já aqui demos nota em legenda da primeira página; e foram muito aplaudidos, no acto da imposição de medalhas, além dos três já mencionados, os seguintes elementos da corporação: Manuel da Costa Freitas, Álvaro Peixoto de Oliveira, Manuel Almeida Pereira da Cruz, José Dinis Marques da Costa, Salviano Gonçalves de Azevedo, Artur Manuel Martins Basto, Francisco Rodrigues Silva, Fernando Gonçalo Barbosa Lé, José Maria Rodrigues Branco, José Moreira Neto, Júlio Ascensão Adrego e Paulo Rodrigues — todos por assiduidade e tempo de bons serviços. Nos estandartes das corporações visitantes foram impostas medalhas comemorativas.

O anunciado desfile pôde contar com a presença de representações — em pessoal e material — de todos os Voluntários distritais, com excepção de dois corpos privativos; o que expressivamente significou amplo abraço à aniversariante dos Bombeiros do Distrito de Aveiro, aglutinados nos mesmos sentimentos e nas mesmas determinações. Muito povo assistiu à passagem pelas artérias da cidade do sangue generoso de homens votados ao próximo que, garbosamente, se apresentaram, com grande número de viaturas, a fazer festa própria na efeméride dos seus camaradas. Na merenda que se seguiu ao desfile continuou-se, agora informalmente, o abraço amigo dos visitantes.

O jantar de confraternização de segunda-feira reuniu numerosos convivas — entre eles, como de firmada tradição, os sócios do Rotary Clube de Aveiro; e aos brindes, usaram da palavra: o Eng.º Branco Lopes, devotadíssimo Presidente da Direcção da aniversariante, para agradecer a simpatia e a estima de quantos, por concretos e generosos factos ou por outros não menos significativos encorajamentos, são credores do reconhecimento da corporação; o Eng.º João Barrosa, para saudar, em nome dos «Bombeiros Novos», a cuja Assembleia Geral dignamente preside, a sua congénere citadina; o Dr. David Cristo, para felicitar, em nome dos Bombeiros do Distrito de Aveiro, a corporação em festa e para relevar o significado da efeméride; o Presidente do Município, Dr. Alves Moreira, para acentuar quanto se deve ao Voluntariado, que em Aveiro encontra, nos seus corpos de Bombeiros, magnífica expressão, e para garantir o possível auxílio, material e moral, da Câmara a que tão devotada e inteligentemente preside; o qualificado e distinto Presidente da Assembleia Geral dos «Bombeiros Velhos», Comendador Egas Salgueiro, para reiterar agradecimentos, lembrar pessoas e factos e fazer oportuna apologia dos sentimentos de humanitarismo que são lema dos Bombeiros; e, por fim, em caloroso discurso, o antigo e dedicado Comandante da corporação aniversariante, Carlos Alberto Machado, para exaltar a devotação exemplar do 2.º Comandante Gonçalo Pinto.

Antes da refeição, o Comendador Egas Salgueiro pediu um minuto de silêncio em memória do Desembargador Mello Freitas, que foi estrénuo amigo dos «Bombeiros Velhos», e que só a morte, recente, definitivamente e infelizmente, impediu de tomar parte naquele convívio, de que sempre foi certa e respeitada presença.

Os «Bombeiros Novos», dando testemunho duma louvável fraternidade, quiseram associar-se às comemorações, reabrindo, no salão nobre da sua sede, a magnífica exposição dos valiosos elementos documentais àrduamente recolhidos, ao longo de muitos anos, pelo incansável Ajudante do Comando Manuel Rigueira. Os muitos visitantes da importante retrospectiva puderam rever a história dos Bombeiros, essencialmente da capital do distrito, e aquilatar, fundamentalmente, como os Bombeiros daqui estão gloriosamente ligados à história da cidade.

FALANDO DE BOMBEIROS

Continuação da primeira página

pachorra. Mesmo assim, oxalá aconteça Congresso !

Oxalá, sobretudo, que se não percam de vista, se respeitem e saibam defender-se os legítimos interesses do Voluntariado; que por inépcia, incúria ou cobardia, se não ignore ou apouque o seu tesouro de virtualidades. Mais — que haja discernimento capaz de estremar o trigo do joio, o generoso e o abnegado do oportunista e do interesseiro; que alguém, sem lamechices escusadas, evoque as glórias do passado — e tantas são ! —, interprete com sóbria segurança toda a problemática do presente, lùcidamente, escancare as janelas do futuro. Oxalá !

Dos rumos apontados no Congresso de Aveiro, muitos, os essenciais, estão ainda por percorrer — cabe ao Congresso de Viseu retomar o facho e seguir avante. Acções de saneamento e de revitalização lá empreendidas, goraram-se nos alçapões da astúcia e da trampolinice — haverá agora que evitá-los com doses maciças de firmeza. Estruturas denunciadas como decrépitas, inoperantes, apodrecidas, estão hoje mais decrépitas, mais inoperantes, mais apodrecidas — não há «cuprinol» que as salve...

De Aveiro para cá, já muito se gizou e legislou nos domínios do socorrismo público, aí onde o Voluntariado, por tanto de irrecusável dever quanto de inalienável direito, assume posição destacada, ímpar. Impõe-se que em Viseu se analise todo o painel de implicações que para o Voluntariado resulta de tais empreendimentos. Na passada desta diligência, atente-se com vigorosa independência na necessidade premente de revitalização do organismo de cúpula do Voluntariado — a sua Liga —, cuja reiterada indiferença pelos grandes problemas afectos à sua função se traduz em mutismo só quebrado em discursos de circunstância.

Em Viseu, oxalá se não persista na confusão, provadamente ruinosa, entre homens e instituições — aqueles passam, estas perduram; que à sombra da gratidão se não resvale na idolatria.

Oxalá ainda que em Viseu fique bem entendido, de uma vez por todas, que a causa nobre do Voluntariado e a sua inserção, em termos válidos, nos altos interesses da Pátria, se não compadece com desarticuladas acções de carolice nem com acessos caprichosos de «bombeirite» — a sua permanência e o seu vigor hão-de inspirar-se em acções lúcidas de estruturação, de trabalho aturado, de estudo exaustivo, de colaboração intensa e sadia. Oxalá !

J. ACURCIO

PORTO DE AVEIRO

Continuação da primeira página

rodoviárias com as instalações do porto; importância da construção de uma doca, para barcos de recreio, na Costa Nova; construção de um muro de resguardo no Cais dos Botirões, e necessidade de idêntica obra noutros canais citadinos; proliferação danosa de moliços na Ria e balizagem da mesma; impostos (inexpressivos) sobre o vinho consumido em Aveiro e sobre a apanha de plantas marinhas.

Prestaram esclarecimentos, quanto aos temas focados, o Presidente da Junta, o Director do porto, Eng.º João Barrosa, e o Capitão do porto, Comandante João Carlos Alvarenga.

Depois, foi aprovado, por unanimidade, o orçamento para 1972, cuja receita se computou em 29 230 contos, sendo que o plano de trabalhos previstos para o mesmo ano atinge o montante de 22 630 contos.

Durante troca de impressões, foi aventada pelo Presidente da Junta e pelo Engenheiro-Director do porto, a possibilidade de ser atingida, pelos anos de 75-76, a cifra de meio milhão de toneladas no movimento comercial portuário aveirense.

Agradecimento

A família do extinto Dr. Jaime Dagoberto de Mello Freitas agradece, muito reconhecida, a todas as pessoas que se interessaram com amizade durante a sua doença ou por qualquer modo manifestaram pesar pelo seu falecimento.

SOCIEDADE RECREIO ARTÍSTICO

Teve a amabilidade de apresentar cumprimentos a este jornal a nova Direcção da prestigiada Sociedade Recreio Artístico, a que preside o sr. João da Rosa Lima.

Gratos pela deferência.

FALECEU NO BRASIL O PRIMEIRO PRESIDENTE DO BEIRA-MAR

A notícia chegou-nos há poucos dias, em recorte de jornal publicado na cidade-irmã de Belém do Pará: falecera ali, no último dia do ano findo, Luís da Rocha Leonardo — um aveirense nascido em 26 de Janeiro de 1898 no Vale de Ílhavo.

Radicado em terras de Santa Cruz desde 1927, Luís da Rocha Leonardo é figura fundamente ligada à história da cidade da Ria, mòrmente no campo desportivo, em que prestou relevantes serviços: foi dinâmico elemento da Comissão Organizadora do Sport Clube Beira-Mar, o primeiro Presidente da popular colectividade aveirense e fundou, em 1923, o «Aveiro Sportivo», o primeiro jornal da especialidade que existiu no distrito, de que foi igualmente Director.

O seu dinamismo estendeu-se depois a terras brasileiras. Aí, na sua segunda pátria, fundou o «Palácio dos Esportes», foi Presidente da Sociedade de Socorros Mútuos Vasco da Gama, membro do Conselho da Colónia Portuguesa e fundador, também, da «Casa Cearense», de que era proprietário.

Luís da Rocha Leonardo deixou viúva a sr.ª D. Margarida da Rocha Leonardo; era pai das sr.as D. Maria Beatriz Leonardo do Carmo, casada com o sr. Eng.º Abílio do Carmo Júnior; D. Aurora da Rocha Leonardo, funcionária da Secretaria Administrativa da Embaixada de Portugal em Brasília; e D. Joana da Rocha Leonardo, casada com o sr. Dr. Júlio Cruz; e dos srs. Antonino da Rocha Leonardo, casado com a sr.ª D. Angelina Novelino Leonardo; e do saudoso João da Rocha Leonardo.

Cartaz de Espectáculos

TEATRO AVEIRENSE

Sábado, 5 — à noite

TAUROS, FILHO DE ATILA.
Para maiores de 10 anos.

Domingo, 6 — à tarde e à noite

UM CASTELO NA SUÉCIA — com Mónica Vitti, Curd Jurgens e Françoise Hardy.
Para maiores de 18 anos.

CINE-TEATRO AVENIDA

Sábado, 5 — à tarde e à noite

O CALIFORNIA — com Susan Oliver e Kurt Russel.
Para maiores de 10 anos.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

CERTIFICO, para efeitos depublicação, que, por escritura de 27 de Janeiro de 1972, inserta de folhas 17v. a 19 do livro de notas para Escrituras Diversas B- número 81, deste Cartório, Manuel dos Santos Moreira, João Moreira e Eduardo dos Santos Morreira constituiram uma sociedade comercial por quotas de responsabilidades limitada nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação — «Riacor-Materiais de Construção Limitada», tem a sede e principal estabelecimento em Aveiro, na Rua Gustavo Ferreira Pinto Basto, n.º 41, rés-do-chão, freguesia da Glória e durará por tempo indeterminado, com início nesta data.

Segundo — O seu objecto é o exercício do comércio de materiais de construção ou qualquer outra actividade comercial ou industrial que resolva explorar.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado, é de trezentos mil escudos, dividivo em 3 quotas de 100.000$00, uma de cada sócio.

Parágrafo Único — As quotas dos sócios Manuel dos Santos Moreira e João Moreira estão realizadas em dinheiro que já deu entrada na Caixa Social e a quota do sócio Eduardo dos Santos Moreira é realizada com o veículo automóvel marca Opel, com a matrícula D A-setenta e três-oitenta e sete, que desde já transfere para a sociedade, no valor de cinquenta mil escudos, e com igual quantia em dinheiro, que também já deu entrada na Caixa Social.

Quatro — A gerência, dispensada de caução, fica a cargo de todos os sócios, desde já nomeados gerentes. Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes, bastando, porém, a assinatura de qualquer deles, nos actos de mero expediente. Qualquer dos gerentes poderá delegar, por meio de procuração, todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro gerente ou mesmo em pessoa estranha à sociedade, mas, neste último caso, só com o consentimento dos restantes gerentes o poderá fazer.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento dos restantes sócios.

Sexto — As Assembleias Gerais, quando a lei não exija formalidades especiais, serão convocadas com a antecedência mínima de cinco dias, por cartas registadas dirigidas aos sócios.

Está conforme o original.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1972.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XVIII — 5-2-1972 — N.º 896

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Chamamos a atenção para os Ex.mos Senhores Consumidores de água que, de acordo com a deliberação tornada pública, aos consumos do mês de Janeiro p. p. foram aplicadas, pela primeira vez, as novas tarifas aprovadas superiormente.

Admitimos que, como é natural em casos semelhantes, se tenham cometido erros que se corrigirão, uma vez detectados. Para o efeito agradecemos que todos os senhores consumidores verifiquem se os mínimos e preços aplicados nos seus recibos estarão correctos, para o que voltamos a indicar as condições regulamentares aplicáveis:

1 — Consumidores Domésticos

Rendimento colectável do prédio ou fogo ocupado	Mínimo mensal
— Até 200$00, quando peça a sua ligação voluntária	*2 m3*
— De 200$01 a 1 000$00	*2 m3*
— De 1 000$01 a 2 500$00	*3 m3*
— De 2 500$01 a 5 000$00	*5 m3*
— De 5000$01 a 10 000$00	*8 m3*
— Superior a 10 000$00	*12 m3*

2 — Consumidores Industriais

Contribuição industrial anual	Mínimo mensal
— Até 1 000$00	*5 m3*
— De 1 000$01 a 3 000$00	*7 m3*
— De 3 000$01 a 6 000$00	*10 m3*
— De 6 000$01 a 12 000$00	*15 m3*
— Superior a 12 000$00	*20 m3*

3 — Consumidores Comerciais Escritórios, Consultórios, ou outros semelhantes

Número de dispositivo de utilização da instalação	Mínimo mensal
— Até 6	*5 m3*
— De 7 a 12	*7 m3*
— Superior a 12	*10 m3*

PREÇOS DE ÁGUA

Categoria do consumidor	Preço por m3
— Domésticos	*3$50*
— Estabelecimentos comerciais, escritórios, consultórios, ou outros semelhantes	*3$50*
— Industriais	
Os primeiros 100 m3 do consumo mensal	*3$50*
Os 400 m3 seguintes do consumo mensal	*3$00*
O consumo mensal restante, além de 500 m3	*2$50*
— Entidades Particulares sem fins lucrativos	*3$00 b)*
— Serviços Oficiais	*3$00 b)*
— Serviços dos Corpos Administrativos	*3$00 b)*

a) As rendas mensais correspondentes obtêm-se com aproximação dividindo os valores dos rendimentos colectáveis por 10,

b) Os serviços Oficiais os Servicos dos Corpos Administrativos e as Entidades Particulares sem fins lucrativos, com consumos próprios elevados, poderão optar pela tarifa de consumidores Industriais.

No caso de encontrar qualquer erro agradecemos no-lo comuniquem.

A DIRECÇÃO

Agradecimentos

Benedita Ferreira Paula

Sua família, na imbossibilidade de o fazer pessoalmente, vem muito sensibilizada tornar público o seu reconhecimento, extensivo aos que, de qualquer modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta.

Joaquim Lopes de Oliveira

Sua família, na impossibilidade de o fazer por outra forma, por falta de endereços, vem, por este único meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento do saudoso extinto.

Armanda Martins de Carvalho
(Realeza)

A família da saudosa extinta, receando não ter agradecido a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, fá-lo, por este meio, pedindo desculpa pelas faltas que possa ter cometido involuntàriamente.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 26 de Janeiro de 1972, inserta de folhas quarenta e duas, verso, a quarenta e seis do livro de notas para Escrituras Diversas A-n.º 446, deste Cartório, Joaquim Rodrigues Pereira e mulher Rosa Marques Neto, casados segundo o regime de comunhão geral de bens, residente no lugar da Presa, freguesia da Vera-Cruz, desta cidade, declaram-se donos com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Terreno destinado a construção urbana, com a área de mil cento e três metros quadrados, sito na Patelada, limite no lugar da Presa, freguesia da Vera-Cruz, desta mesma cidade, a confrontar do norte com caminho, do sul com viela, do nascente com Manuel Marques da Silva e do poente com Sebastião dos Santos Carvalho, faz parte do descrito na Conservatória do Registo Predial de Aveiro sob a número onze mil e quarenta, a folhas cento e cinquenta e sete do livro B-trinta e dois e do inscrito na matriz rústica sob o artigo cento e cinquenta e um.

Que este terreno o comprou o justificante marido para o seu casal, por escritura de vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e setenta e um, lavrada neste Cartório de folhas noventa e sete, verso, a noventa e nove, verso, do livro próprio A-N.º 441 a Rosalina de Freitas Carvalho, viúva, residente em Lisboa e é resultante da divisão efectuada entre esta e seu irmão Sebastião dos Santos Carvalho e mulher Odília Maria Fonseca, do prédio rústico que a ambos foi adjudicado na partilha por óbito de seus pais António dos Santos Carvalho e mulher Georgina da Glória de Freitas, residentes que foram na Presa, dita, prédio esse que a este casal foi adjudicado na divisão que com os demais comproprietários efectuaram do prédio que a todos fora adjudicado no inventário por óbito de Serafim dos Santos Carvalho.

Que, por não ser possível aos justificantes localizar o cartório onde foi lavrada a escritura que titula esta última divisão recorreram à justificação notarial, para efeitos de trato sucessivo no Registo Predial.

Está conforme o original.

Aveiro, 29 de Janeiro de 1972.

O Ajudante,
Luís dos Santos Ratola

Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família

AVISO

Concursos Para Médicos dos Quadros das Instituições de Previdência

Estão abertos de 2 a 21 de Fevereiro de 1972 concursos documentais de habilitação para médicos dos quadros das instituições de previdência nos serviços, postos clínicos e caixas de previdência abaixo indicados:

Caixas de Previdência	Postos Clínicos	Serviços
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Aveiro Avenida Dr. Lourenço Peixinho n.º 110 AVEIRO	Posto Clínico de Aveiro	- Pediatria
	Posto Clínico de Lobão	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Espinho	—Otorrinolaringologia
Caixa Sindical de Previdência do Pessoal da Indústria de Lanifícios Av.ª João Crisóstomo, 67 LISBOA	Posto Clínico de Cebolais de Cima	- Ginecologia - Obstetrícia
	Posto Clínico da Covilhã	- Neurologia - Psiquiatria
	Posto Clínico de Unhais da Serra	- Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Leiria Av.ª Heróis de Angola, 59 LEIRIA	Posto Clínico de Pombal	—Oftalmologia
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa Av. Estados Unidos da América, 39,39-A LISBOA	Posto Clínico de Torres Vedras	- Cirurgia - Estomatologia —Ginecologia - Clínica Médica —Neurologia —Obstetrícia —Oftalmologia - Pediatria - Psiquiatria
	Posto Clínico de Vila Franca de Xira	- Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família e dos serviços Médico-Sociais do Distrito do Porto Rua das Doze Casas 143 PORTO	Posto Clínico de Malta	- Clínica Médica
	Posto Clínico de Santo Tirso	—Cirurgia Geral
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Santarém Rua do Milagre, 51 SANTARÉM	Posto Clínico de Tomar	Clínica Médica
	Posto Clínico de Torres Novas	Clínica Médica
Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Vila Real Rua Gonçalo Cristóvão VILA REAL	Posto Clínico do Peso da Régua	Oftalmologia

As condições de admissão encontram-se patentes naqueles postos, nas Caixas de Previdência interessadas ou na Federação.

A documentação deverá ser entregue até às 18 horas do dia 21 de Fevereiro de 1972 na sede da Federação, na Avenida Manuel da Maia, n.º 58-2.º Esq.-Lisboa, ou na respectiva caixa de previdência a que o concurso diga respeito.

Lisboa, 31 de Janeiro de 1972

A DIRECÇÃO

PESCARIAS BEIRA LITORAL, S. A. R. L.

Capital - 15 000.000$00
Rua da Liberdade, 10

Assembleia Geral

PRIMEIRA CONVOCATÓRIA

É convocada a Assembleia Geral de "Pescarias Beira Litoral, S. A. R. L.", com sede em Aveiro, para reunir, em sessão ordinária, às 14 horas do dia 26 de Fevereiro próximo, na sede do Grémio do Comércio, em Aveiro, com a seguinte

Ordem do dia

Discutir, aprovar ou modificar o Balanço e Contas e a Parecer do Conselho Fiscal, respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1971.

SEGUNDA CONVOCATÓRIA

Se, por falta de comparência de número legal de Accionistas, a Assembleia não puder funcionar na altura acima indicada, desde já fica convocada para novamente reunir no mesmo local, pelas 15 horas do referido dia 26 de Fevereiro, com a mesma "ordem do dia", deliberando então com qualquer número de Accionistas.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1972

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

José Isolino Enes Calejo

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Ovar

Notário Licenciado José Maria de Araújo Abreu

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, neste cartório e livro de notas para escrituras diversas, número C-Vinte e Nove, de folhas vinte e seis a folhas vinte e oito, se encontra exarada, com data de dezassete de Janeiro de mil novecentos setenta e dois, uma escritura de habilitação notarial por óbito de Anselmo José Lopes Ferreira, casado com Maria Eduarda da Cunha Pereira Lopes ou Maria Eduarda da Cunha Pereira, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia de Arcozelo das Maias, Concelho de Oliveira de Frades, e residente na rua Joaquim António de Aguiar, número doze, primeiro, da cidade e concelho de Aveiro, falecido em nove de Janeiro de mil novecentos setenta e dois, o qual deixou testamento púplico outorgado em seis de Outubro de mil novecentos e sessenta e cinco, na Secretaria Notarial de Aveiro, perante o notário licenciado Henrique de Brito Câmara, no segundo Cartório, exarado de folhas trinta e quatro, a folhas trinta e cinco, verso, do respectivo livro número cinquenta e dois. Que, nesse testamento, deixou a parte disponível de todos os bens, direitos a acções que constituirem a sua herança, à dita sua mulher Maria Eduarda da Cunha Pereira Lopes, e tendo sido habilitados como seus herdeiros legitimários, sus filhos legitimos, António da Cunha Pereira Lopes, casado com Portela Guimarães Martins Pereira Lopes, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da freguesia da Glória, concelho de Aveiro, e residente em Ovar, na Praça da República; Maria de Lourdes da Cunha Pereira Lopes da Silva, viúva, natural da referida freguesia da Glória e residente em Espinho, Rua Vinte e Dois, número quatrocentos e oitenta e um; e Maria Luiza Pereira Lopes Ferreira Vila Chã, casada com João Gonçalves Vila Chã, sob o regime da comunhão geral de bens, natural da mesma freguesia da Glória e residente em Almada, na rus António Nobre, número quatro, direito. - Está conforme.

Cartório Notarial de Ovar, dezoito de Janeiro de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajudante,

Acilino Marques R⋅is

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Faz-se saber que, pela 1.ª Secção do 2.° Juízo desta comarca, nos autos de execução sumária de sentença que o exequente Manuel Ferreira dos Santos, casado, industrial residente em Viso-Esgueira, move aos excutados Carlos Cândido Vieira e mulher, Palmira de Almeida Ministro, ele empreiteiro e ela doméstica, residentes em Sarrazola-Cacia, desta comarca, correm éditos de 20 dias, que começam a ser contados após a segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados para, no prazo de 10 dias, findo o dos éditos, virem à mencionada execução reclamar, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1972

O Juiz de Direito,

Abílio Valverde

O Escrivão de Direito,

Luís Ferreira

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que, pela 1.ª Secção do 1.° Juízo desta Comarca, correm éditos de vinte dias, a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos de Maria do Carmo Lopes Rafeiro, viúva, doméstica, residente em Verdemilho, freguesia de Aradas, deste concelho de Aveiro; Manuel Lopes Paixão ou Manuel Messias Lopes Paixão e mulher, Maria Barbara Caçoilo Lopes Paixão, ele maquinista e ela doméstica, ambos moradores na Cidade de Palo Alto, Woodland Avenue, San Mateo, Estado da Califórnia - Estados Unidos da América do Norte; João Lopes Paixão e mulher, Glorinda da Silva Paixão, ambos residentes em Hackett Avenue, 1790, Mt. View, Estado da Califórnia - Estados Unidos da América do Porte; e Casimiro Lopes aixão, solteiro, ausente emN parte incerta da Venezuela e com último domicílio conhecido no lugar de Verdemilho, freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, virem deduzir, querendo, os seus direitos nos autos de Acção Especial de Divisão de Coisa Comum que os três primeiros movam contra o Casimiro Lopes Paixão, desde que gozem de garantia real sobre os imóveis em causa aos mesmos pertencentes.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1972

O Escriturário,

Luís Xavier de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Afonso de Andrade

Litoral — Ano XVIII — 5-2-1972 — N.º 896

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que, por escritura de 22 Janeiro de 1972, de folhas 12, v.°, do livro próprio n.° 23-C deste 1.° Cartório, outorgada perante a Notário Lic. Joaquim Tavares da Silveira, foi constituída entre João Nogueira Leite, Manuel Lopes Rimões Ratola, Francisco da Cruz Pereira da Silva, Rui Ferreira Valente, Carlos dos Santos Castro e Manuel Eduardo da Silva Triga, uma sociedade comercial, por quotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º—A Sociedade adopta a denominação de «Carpintaria Mecânica Central Valadense, Limitada»; e fica com a sua sede na Costa do Valado, freguesia de Oliveirinha, deste concelho de Aveiro;

2.°—A sua duração é por tempo indeterminado, a contar de hoje;

3.°—O seu objecto é a exploração da indústria de Carpintaria Mecânica, podendo ser ainda outro qualquer ramo de comércio ou indústria que resolva explorar;

4.°—O capital social é do montante de 600 mil escudos, dividido em seis quotas de 100 contos cada uma, subscritas uma por cada um deles sócios, Nogueira Leite, Simões Ratola, Pereira da Silva, Ferreira Valente, Santos Castro e Silva Triga; e acha-se integralmente realizado em dinheiro;

§ Único-O capital social poderá ser aumentado com qualquer importância em dinheiro, créditos ou outros bens, sendo feita a respectiva subscrição por um ou mais sócios ou mesmo por pessoas estranhas, conforme depois a Sociedade resolver;

5.°—As cessões de Quotas entre sócios são livres, mas em relação a estranhos, dependerão do consentimento da Sociedade, a qual, outros-sim, nelas terá o direito de preferência, tendo ainda, em segundo lugar, qualquer sócio;

§ Unico-Exercendo o seu direito de preferência, ao abrigo deste artigo, o valor ou preço da quota adquirida será pago em quatro prestações semestrais iguais, vencendo-se a primeira no acto da escritura e as restantes em igual dia do começo de cada um dos semestres seguintes;

6.°—A gerência fica afecta a todos os sócios, com dispensa de caução, e, com ou sem remuneração, conforme for resolvido em Assembleia Geral;

§ 1.°—Os Gerentes poderão mediante procuração, delegar uns nos outros ou em pessoa estranha à Sociedade, todos ou parte dos seus poderes de gerência e representação social; porém, sendo a delegação feita a pessoa estranha, deverá ter ela a aquiescência da Assembleia Geral;

§ 2.°—Para a Sociedade ficar vàlidamente obrigada são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou seus representantes;

7.°—No caso de falecimento de algum sócio que deixe mais do que um herdeiro, deverão os respectivos herdeiros, enquanto a Quota se achar indivisa, designar um que a todos representante na Sociedade;

§ Unico—Se os herdeiros pretenderem apartar-se da Sociedade, poderá esta adquirir-lhes a Quota respectiva ou mesmo amortizá-la, conforme deliberar e, no caso de amortização, esta será feita pelo valor do último Balanço; pagando-se, em qualquer dos casos a quota nos termos referidos no § Único art.° 5.°;

8.°—No caso de falecimento de sócio que deixe só um herdeiro é observável o previsto no § Único do art.° 7.°.

9.°—Salvos os casos para que a Lei exija outros requisitos, as assembleias gerais serão convocadas apenas por cartas registadas, com 8 dias de antecedência.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida, além ou em contrário ao que aquis e transcreve e narra.

Aveiro, 27 de Janeiro de 1972

O ajudante

José Fernandes Campos

Litoral — Ano XVIII — 5-2-1972 — N.º 896

Continuações

Basquetebol

los (8), Jim Jones (18), Castanheira, Correia (12), Pedro Antunes, Leonardo, Ivo (8) e Kit Jones (9).

No período inicial, os aveirenses equilibraram a marcação e mantiveram-se, por vezes, na dianteira (atingindo até cinco pontos à maior); porém, depois de igualarem a 31-31, os «leões» passaram para a dianteira, de modo decisivo, chegando ao intervalo a ganhar já por 47-35.

Na segunda parte, apesar da réplica constante do Galitos, o Sporting ditou as suas leis — como turma com maior potencial técnico e atlético —, ganhando com merecimento.

Arbitragem com deslizes, mas sem influência no seguimento do desafio.

II DIVISÃO — Zona Norte

Resultados da 3.ª jornada:

Série A

NAVAL — ILLIABUM 55-47
SANJOANENSE — COVILHÃ . 50-38
NUN'ALVARES — LEIXÕES . . 42-37
GUIFÕES — C. D. U. P. . . . 52-47

Série B

SANGALHOS — SPORT . . . 58-46
MARINHENSE — FIGUEIRENSE 52-37
ESGUEIRA — GAIA . . . . . (a)
LEÇA — EDUCAÇÃO FISICA . 58-40

(a) — Vitória averbada aos esgueirenses, por falta de comparência dos gaienses.

Tabelas classificativas:

Série A

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Guifões	3	3	0	104-89	6
C. D. U. P.	3	2	1	186-133	5
Sanjoanense	3	2	1	154-147	5
Illiabum	3	2	1	151-141	5
Leixões	3	1	2	152-151	4
Nun'Alvares	3	1	2	132-151	4
Naval	3	1	2	139-190	4
Cavilhã (a)	3	0	3	80-94	2

(a) — Tem uma falta de comparência

Série B

	J.	V.	D	Bolas	P.
Sangalhos	3	3	0	182-129	6
Marinhense	3	3	0	140-105	6
Esgueira	3	2	1	101-96	5
Leça	3	2	1	140-137	5
Figueirense	3	1	2	152-149	4
Ed. Fisica	3	1	2	142-179	4
Sport	3	0	3	124-168	3
Gaia (a)	3	0	3	82-100	2

(a) — Tem uma falta de comparência

Próxima jornada:

ILLIABUM — NUN'ALVARES
COVILHÃ — NAVAL
SANJOANENSE — GUIFÕES
LEIXÕES — C. D. U. P.
SPORT — ESGUEIRA
FIGUEIRENSE — SANGALHOS
MARINHENSE — LEÇA
GAIA — EDUCAÇÃO FÍSICA

FEMININO — I DIVISÃO

Resultados da 3.ª jornada:

ACADÉMICA — GAIA 70-42
C. D. U. P. — ACADÉMICO . 29-53
PORTO — ESGUEIRA 37-17

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Académica	3	3	0	190-105	6
Académico	3	3	0	174-89	6
C. D. U. P.	3	2	1	115-101	5
Porto	3	1	2	88-154	4
Esgueira	3	0	3	79-132	3
Gaia	3	0	3	100-165	3

Próxima jornada:

GAIA — ESGUEIRA
ACADÉMICO — ACADÉMICA
C. D. U. P. — PORTO

JUNIORES — Zona Norte

Resultados da 1.ª jornada:

GALITOS — VASCO DA GAMA 66-55
PORTO — ACADÉMICA . . . 57-48

Próxima jornada:

VASCO DA GAMA — PORTO
ACADÉMICA — GALITOS

JUVENIS — Zona Norte

Resultados da 2.ª jornada:

PORTO — MARINHENSE . . . 89-26
VASCO DA GAMA — ESGUEIRA 47-26

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
V. da Gama	2	2	0	81-44	4
Porto	2	1	1	128-67	3
Académica	1	1	0	41-39	2
Marinhense	2	0	2	44-123	2
Esgueira	1	0	1	26-47	1

Próxima jornada:

ESGUEIRA — PORTO
MARINHENSE — ACADÉMICA

Belenenses — Beira-Mar

vel, barrando do melhor modo — e em toada sempre «limpa», leal, desportiva — o caminho para a baliza de César, um guarda-redes que se mostrou atento, decidido, seguro (no trabalho, pouco, a que foi obrigado).

Registe-se, no entanto, que o Beira-Mar fez de novo gala de futebol apoiado, sabendo distribuir do modo mais conveniente os jogadores pelo relvado, para procurar o contra-ataque. Actuando com autoridade e segurança — e em bloco —, a equipa, mesmo em inferioridade numérica durante quase meia-hora, importunou sèriamente o seu antagonista (e todos os tiffosi do grupo do Restelo...), e pertenceram-lhe até algumas flagrantes perdidas de golo — o brasileiro Alemão, no declinar da partida, por um triz não acertou na baliza, fazendo a bola sair rente ao poste, com Mourinho batido...

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 23 DO «TOTOBOLA»

13 de Fevereiro de 1972

1 — Beira-Mar — Benfica X
2 — Porto — Barreirense 1
3 — Farense — Atlético 1
4 — Guimarães — Académica X
5 — Lamas — Penafiel 1
6 — Cavilhã — Riopele 2
7 — Marinhense — Braga 1
8 — Famalicão — Salgueiros X
9 — Varzim — Espinho 1
10 — Sacavenense — Nazarenos . . . X
12 — Seixal — U. Leiria 2
13 — Tramagal — Olhanense 1

ANDEBOL DE SETE

Campeonatos de Aveiro — Juniores

Espinho, 7 — Beira-Mar, 6

Jogo disputado no sábado, no Pavilhão do Espinho, sob arbitragem dos srs. Juviniano Vieira e Paulo Claro, do Porto.

Alinharam e marcaram:

ESPINHO — Casal, Amaral (1), Figueiredo (2), Filipe (2), José Augusto, Augusto Vítor, Fontes(2), Souto, Pimentel e Rui.

BEIRA-MAR — Meco, Vaz Duarte (2), Fernando Rocha (1), Rui (1), António Carlos (1), Matos (1), Ulisses, Adrego, Gamelas, Fonseca, David e Fortuna.

A classificação ficou agora assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Beira-Mar	3	2	0	1	50-21	7
Espinho	3	2	0	1	37-35	7
Galitos	2	0	0	2	16-47	2

Esta tarde, disputa-se o jogo GALITOS — BEIRA-MAR, alusivo à segunda jornada da segunda volta da competição.

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 28 de Janeiro de 1972, inserta de folhas 19 a 20, do livro notas para Escrituras Diversas B-N.º 81, deste Cartório, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada com sede em Aveiro, denominada "Electro-Sás, Limitada", constituida por escritura de 21 de Fevereiro de 1967 de fls. 78 v.º a 81 v.º do livro de notas para Escrituras Diversas B-n.º 60, deste Segundo Cartório.

Está conforme o original.

Aveiro, 29 de Janeiro de 1972

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 25 de Janeiro de 1972, exarada de fls. 41 a 42 v.º, do livro de notas para Escrituras Diversas A-n.º 446, deste Cartório, entre Maria Magna Tavares Simões Ramos e Gracinda da Silva da Cruz Tavares, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Magna & Gracinda, Limitada», tem a sede e principal estabelecimento na Av. Dr. Lourenço Peixinho, n.º 101, freguesia da Vera-Cruz, desta cidade (de Aveiro) e durará por tempo indeterminado, com início nesta data.

Segundo o seu objectivo é a confecção e venda de vestuário, em especial para noivas e crianças, o comércio de retrosaria e qualquer outra actividade comercial ou industrial que a sociedade resolva explorar.

Terceiro — O capital social integralmente realizado em dinheiro é de duzentos mil escudos, dividido em duas quotas de cem mil escudos, uma de cada sócia.

Quarto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme fôr deliberado em Assembleia Geral, fica a cargo de ambas as sócias, desde já nomeadas gerentes.

§ Primeiro — Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas das duas gerentes.

§ Segundo — Qualquer das gerentes poderá delegar em pessoa estranha, com o consentimento da outra e mediante a respectiva procuração, os seus poderes de gerência.

Quinto — A cessão de quotas, no todo ou em parte, só poderá realizar-se com o consentimento da sociedade, a qual terá direito de preferência.

Sexto — Os sócios ficam obrigados a fazer à sociedade os suprimentos de que ela venha a carecer, nos termos que forem fixados em Assembleia Geral.

Sétimo — Quando a lei não exigir outras formalidades, as Assembleias Gerais serão convocadas com a antecedência mínima de oito dias, por meio de cartas registadas.

Está conforme ao original.

Aveiro, 28 de Janeiro de 1972.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada:

CARNIDE — ACADÉMICO . . 68-86
BENFICA — B. P. M. 80-76
GALITOS — ALGÉS 62-78
GINÁSIO — SPORTING . . . 68-82
VASCO DA GAMA— C. U. F. 84-67
PORTO — ACADÉMICA . . . 107-91

Resultados da 8.ª jornada:

BENFICA — ACADÉMICO . . 119-78
CARNIDE — B. P. M. 59-82
GALITOS — SPORTING . . . 69-98
GINÁSIO — ALGÉS 73-66
PORTO — C. U. F. 124-63
V. DA GAMA — ACADÉMICA . 66-79

Tabela classificativa:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Porto	8	8	0	790-513	16
Benfica	8	7	1	709-547	15
Sporting	8	6	2	654-523	14
Académica	8	6	2	666-556	14
V. da Gama	8	5	3	555-524	13
Académico	8	5	3	601-636	13
Algés	8	3	5	563-585	11
B. P. M.	8	3	5	518-563	11
Ginásio	8	2	6	555-634	10
C. U. F.	8	2	6	570-710	10
GALITOS	8	1	7	521-680	9
Carnide	8	0	8	426-654	8

Próximas jornadas:

HOJE — ACADÉMICA — CARNIDE
C. U. F. — BENFICA
ACADÉMICO — GALITOS
B. P. M. — GINÁSIO
ALGÉS — PORTO
SPORTING — VASCO DA GAMA

AMANHÃ — ACADÉMICA — BENFICA
C. U. F. — CARNIDE
ACADÉMICO — GINÁSIO
B. P. M. — GALITOS
ALGÉS — VASCO DA GAMA
SPORTING — PORTO

Galitos, 62 — Algés, 78

Arbitraram os srs. Domingos Barbosa e João Cardoso, do Porto, utilizando os grupos os seguintes jogadores:

GALITOS — Farela (11), Leitão (16), Carlos Madureira (2), Francisco Madureira (18), Vítor (2), Horácio (9), Esgueirão (2) e José Luís (2).

ALGÉS — Duarte (4), Araújo (8), Soares (18), Bogalho (15), Barreira (15), Alves (10), Pereira (4), Jordão (2), Bairrada e Leite (2).

Os alvi-rubros tiveram actuação pouco firme, distante do que efectivamente podem e sabem, oferecendo trunfos aos seus antagonistas, que em Aveiro se estrearam como vencedores extra-muros. A turma lisboeta conduziu o jogo da forma mais conveniente, chegando ao intervalo já com avanço confortável — e decisivo para a sorte do jogo: 46-27.

Arbitragem correcta, em desafio sem problemas.

Galitos, 69 — Sporting, 88

No domingo, à tarde, de novo sob direcção da dupla portuense que arbitrara o encontro no sábado (Domingos Barbosa - João Cardoso), as equipas alinharam e marcaram como segue:

GALITOS — Farela (14), Carlos Madureira (24), Francisco Madureira (8), Leitão (4), Vítor (6), Esgueirão (6), Horácio (5), e Cotrim (2).

SPORTING — Encarnação (19), Ernesto (8), Tó-Zé (6), José Car-

Continua na penúltima página

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

Belenenses, 0 Beira-Mar, 0

Jogo em Lisboa, no Estádio Almirante Américo Tomás, sob arbitragem do sr. Manuel Fortunato, de Évora.

Os grupos formaram deste modo:

BELENENSES — Mourinho; Murça, Quaresma, Freitas e Amaral; Quinito e Estêvão; Zèzinho, Laurindo, Luís Carlos e Godinho.

BEIRA-MAR — César; Jerónimo, Marques, Soares e Severino; Inguila e Colorado; Adé, Alemão, Eduardo e Nèlinho.

•

Depois do intervalo, na turma lisboeta, Ernesto ocupou o lugar de Laurindo; e, aos 80 m., Pedro substituiu Quinito. No grupo aveirense, aos 66 m., Almeida entrou em vez de Colorado.

Anote-se que o beiramarense Inguila, aos 64 m., recebera ordem de expulsão, depois de ter dado um bofetão em Godinho — respondendo a agressão a pontapés do jogador dos azuis. O árbitro, sob indicação dum dos seus auxiliares (que entrou a correr pelo relvado, sob «incitamento» dos adeptos belenensistas...), expulsou o colored aveirense — jogador habitualmente correcto, a quem, no entanto, falta de domínio e de controle não pode perdoar-se —, permitindo que o principal prevaricador continuasse em jogo.

Diga-se, desde já, que o juiz de campo alentejano — inculpado nesta decisão, cuja responsabilidade deve assacar-se ao «bandeirinha» — foi, ao longo do desafio, um árbitro nitidamente caseiro, numa série de julgamentos, um deles de importância capital, ao deixar impune uma falta de Quaresma sobre Nèlinho, quase ao findar o jogo. Foi na grande área o derrube, a que haveria de corresponder um penalty... e o sr. Manuel Fortunato decidiu deixar correr o marfim...

•

O desfecho do Belenenses — Beira-Mar pode considerar-se certo, por aquilo que cada grupo fez (...e pelo que deixou de fazer) e a T. V. mostrou em directo, na manhã de domingo. Cabe referir neste ponto que o Litoral pretendeu anunciar a transmissão do jogo, dado que havia vozes sobre essa possibilidade; todavia, e em telefonema com o Serviço de Propaganda e Relações Públicas da R. T. P., na penúltima quinta-feira, obtivemos formal negativa, relativamente à transmissão — facto que, naturalmente, nos impediu da notícia que desejávamos publicar.

Os azuis, em momento de certa euforia na sua carreira — em que levam sete jogos sem derrota...—, estiveram mais no ataque, mas poucos remates puderam realizar com perigo real, porque o bloco defensivo dos auri-negros se mostrou firme, impenetrável, imbati-

Continua na penúltima página

ARQUIVO

Resultados da 17.ª jornada:

BELENENSES — BEIRA - MAR 0-0
V. SETÚBAL — TIRSENSE . 6-0
C. U. F. — BENFICA . . . 0-2
PORTO — U. TOMAR . . . 1-1
FARENSE — BOAVISTA . . . 1-1
SPORTING — BARREIRENSE . 3-0
V. GUIMARÃES — ATLÉTICO 1-1
ACADÉMICA — LEIXÕES . . 0-0

Mapa de pontos:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Benfica	17	15	2	0	48-8	32
V. Setúbal	17	10	6	1	38-12	26
Sporting	17	11	3	3	31-14	25
C. U. F.	17	7	6	6	26-20	20
Belenenses	17	7	4	6	20-17	18
Porto	17	6	5	6	26-20	17
BEIRA-MAR	17	5	7	5	16-20	17
V. Guimar.	17	6	4	7	28-30	16
Farense	17	5	5	7	15-19	15
U. Tomar	17	5	4	8	14-20	14
Barreirense	17	5	4	8	19-20	14
Tirsense	17	4	4	9	14-37	12
Atlético	17	4	4	9	21-31	12
Boavista	17	3	6	8	15-30	12
Leixões	17	4	3	10	16-32	11
Académica	17	4	3	10	14-21	11

Jogos para amanhã:

TIRSENSE — BEIRA-MAR (0-0)
BENFICA — V. SETÚBAL (3-1)
U. TOMAR — C. U. F. (1-2)
BOAVISTA — PORTO (0-6)
BARREIRENSE — FARENSE (0-1)
ATLÉTICO — SPORTING (0-2)
LEIXÕES — V. GUIMARÃES (2-3)
ACADÉMICA — BELENENSES (1-0)

SUMÁRIO DISTRITAL

I DIVISÃO

Resultados da 15.ª jornada:

MACINHATENSE — S. ROQUE . 0-2
CUCUJÃES — CORTEGAÇA . . 1-0
MEALHADA — ARRIFANENSE . . 3-1
AROUCA — FERMENTELOS . . 1-0
OLIV. DO BAIRRO — RECREIO . 0-1
P. DE BRANDÃO — PAIVENSE . 2-1
ESMORIZ — VALONGUENSE . . 4-0
BUSTELO — ESTARREJA 1-0

RESERVAS

Resultados gerais:

Zona A — 12.ª jornada:

BEIRA-MAR — ALBA 0-2
OLIVEIRENSE — GAFANHA . . 4-0
RECREIO — ARRIFANENSE . . . 0-0
CESARENSE — ANADIA 1-1

Zona B — 4.ª jornada:

BEIRA-VOUGA — SEVERENSE . . 1-1
LUSO — PINHEIRENSE 1-0

JUNIORES

Fase Final — 4.ª jornada:

Série dos Primeiros

P. DE BRANDÃO — GAFANHA . 2-0
ANADIA — SANJOANENSE . . . 1-1

Série dos Segundos

S. ROQUE — ESPINHO 2-2
BEIRA-MAR — PAMPILHOSA . . 2-2

Série dos Terceiros

VALONGUENSE — LUSO . . . 1-2
FEIRENSE — AVANCA 1-0

JUVENIS

Resultados da 16.ª jornada:

Zona A

LAMAS — CUCUJÃES 5-1
SANJOANENSE — ARRIFANENSE 4-1
OVARENSE — AROUCA 3-0
ESPINHO — FEIRENSE 2-0

Zona B

ANADIA — ESTARREJA 1-0
BUSTELO — RECREIO 2-3
OLIVEIRENSE — ALBA 3-0
MEALHADA — BEIRA-MAR . . . 1-1
GAFANHA — AVANCA 0-6

XADREZ DE NOTÍCIAS

Principia a disputar-se, esta noite, o Campeonato Nacional da II Divisão, em andebol de sete. Na Zona Norte — Série B (em que foram incluídos os clubes aveirenses), o programa para hoje é o seguinte:

E. I. C. VISEU — PROGRESSO
ACAD. VISEU — DESP. PORTUGAL
ESPINHO — CUCUJÃES

Os hoquistas Sérgio, Carlos Ferreira, Machado e José Costa, que alinharam pelo Alba, na época finda, voltaram à Sanjoanense, que também recebeu o concurso do seu antigo e categorizado médio José Fernando Azevedo, que representava o Académico do Porto.

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol puniu o beiramarense Inguila com três jogos de suspensão, por ter sido expulso, no passado domingo, no desafio com o Belenenses.

Dante Bianchi, na ausência do valoroso jogador angolano, terá de alterar o habitual xadrez da turma — admitindo-se que, já amanhã, em Santo Tirso, se estreie o luso-brasileiro Baxa.

No sábado, nesta cidade, estiveram reunidos, em sessão de trabalho, para estudo de um novo Estatuto para o Andebol Nacional, representantes das várias associações regionais metropolitanas (Aveiro, Braga, Porto, Leiria, Lisboa e Setúbal — cabendo aos delegados lisboetas, por procuração, a representação das associações de Castelo Branco e Coimbra).

A Federação Portuguesa de Patinagem autorizou as transferências dos hoquistas João Gonçalves e José da Costa, ambos do Galitos, para o Beira-Mar; Messias Vigário, João Gradim e Joaquim Lourenço — todos da Académica de Coimbra, para o nóvel Hóquei Clube da Mealhada; e José Danilo Santos, do Beira-Mar, para o Cucujães.

No passado domingo, 30 de Janeiro, realizaram-se em Ovar, nos terrenos anexos ao Parque de Jogos Marques da Silva, os Campeonatos Regionais Femininos de «Corta-Mato» da Associação de Desportos de Aveiro.

Competiram representantes de quatro clubes (Beira-Mar, Gafanha, Galitos e Ovarense), sendo vareiras as quatro vencedoras das corridas nas várias categorias:

Infantis — Augusta Vilela. Iniciadas — Olívia Elvas. Juvenis — Conceição Rilho. Juniores — Alice Duarte.

Andebol de 7

Campeonatos Nacionais

Depois do intervalo verificado no último fim-de-semana, para permitir a preparação da selecção nacional que vai disputar o Torneio Pré-Olímpico, defrontando as turmas da Itália, Polónia e Rússia (em jogos a efectuar em Espanha), os campeonatos nacionais prosseguem, hoje e amanhã, com os encontros referentes à décima quarta jornada.

O programa geral é o seguinte:

I DIVISÃO — ACADÉMICO — TÉCNICO, BENFICA — CAMPO DE OURIQUE, PADROENSE — BELENENSES, C. D. U. P. — ALMADA, SPORTING — VIT. DE SETÚBAL e BEIRA-MAR — PORTO.

RESERVAS — BENFICA — CAMPO DE OURIQUE, SPORTING — VITÓRIA DE SETÚBAL e BEIRA-MAR — PORTO.

Todos os jogos se realizam esta noite (em Aveiro, a jornada terá início às 21 horas), exceptuando os que opõem os «leões» aos sadinos, que foram transferidos para amanhã, à tarde.

HÓQUEI em PATINS

Taça «Distrito de Aveiro»

Em prosseguimento da prova, houve apenas mais um jogo de seniores e outro de juniores — aquele referente à terceira jornada e este ao encontro inaugural da competição dos mais jovens —, dado que, em consequência de estragos de certa monta na instalação eléctrica do rinque dos cucujanenses (provocados pelos vendavais que têm assolado o País), houve que adiar *sine die* o encontro *Cucujães — Alba*. Outro desafio, *Lamas — Cucujães*, foi igualmente transferido para data a designar, — e, no jogo *Lamas — Sanjoanense*, da primeira jornada, foi agora averbada vitória aos hoquistas de S. João da Madeira, por falta de comparência dos lamacenses.

Resultados das partidas realizadas:

Seniores

SANJOANENSE — OLIVEIRENSE . 8-0

Juniores

SANJOANENSE — OLIVEIRENSE 9-0

A quarta jornada, marcada para hoje, à noite, engloba os jogos CUCUJÃES — OLIVEIRENSE e ALBA — SANJOANENSE.

A classificação está assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	3	2	0	1	20-11	7
Sanjoanense	2	2	0	0	8-0	6
Alba	1	0	0	1	2-10	1
Lamas (a)	2	0	0	2	1-10	1
Cucujães	—	—	—	—	—	—

(a) — Tem uma falta de comparência